

Negação e movimento do verbo na língua Tembé

Fábio Bonfim Duarte (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Este artigo examina a realização da projeção de negação, doravante NegP, em orações principais da língua Tembé. O objetivo é descrever a estrutura morfosintática de NegP e avaliar duas hipóteses: (i) se NegP é uma categoria funcional com traço forte e (ii) se Neg^o é formado pelo morfema descontínuo {*na-.....-j*} sem a necessidade de um operador em sintaxe visível. A pesquisa investiga também a posição ocupada por NegP na ordem linear da oração.

Com base na avaliação das duas hipóteses acima, a análise tenta encontrar uma explicação para o contraste verificado em situações como em (1) e (2) abaixo:

- (1) *n-uru-zuka-j* *kwehe* *miar* *a?e* *mehe.*
NEG-12-matar-NEG PASS caça aquele dia
'Não matamos a caça naquele dia.'
- (2) **Kwehe n-uru-zuka-j* *miar* *a?e* *mehe.*
PASS NEG-12-matar-NEG caça aquele dia
'Não matamos a caça naquele dia.'

O contraste acima deve-se à impossibilidade de a partícula *kwehe* ocupar uma posição acima do verbo em (2). A hipótese aventada é que essa partícula não cruza Neg^o em orações negativas.

Esse artigo está organizado da seguinte maneira: na seção (1), apresento a realização morfosintática de NegP; na seção (2), apresento os pressupostos teóricos do programa minimalista, baseando-me, principalmente, em Chomsky (1995) e, na seção (3), tento buscar uma explicação para o contraste dos exemplos (1) e (2), acompanhando proposta desenvolvida por Zanuttini (1996, 1997).

1. REALIZAÇÃO DA NEGAÇÃO EM ORAÇÕES PRINCIPAIS

Em Tembé, assim como em outras línguas da família Tupi-Guarani, faz-se a negação por meio de um morfema descontínuo. No dialeto Mbyá Guarani, por exemplo, esse morfema manifesta-se pelas formas: {*nda-.....i*} e, no Tembé e no Guajajara, pelas formas: {*na-.....-j*}. O prefixo *na-* possui

pelo menos duas formas que se alternam, dependendo do ambiente fonético em que ocorrem:

(i) /n-/ ocorre antes de vogais:

(3) *ure n-uru-zuka-j*
12 NEG-12-matar-NEG
“Nós não matamos”

(4) *ihe n-a-zapo-j*
1 NEG-1-fazer-NEG
“Eu não fiz”

(ii) /na-/ ocorre antes de consoante

(5) *na-pe-sak-Ø*
NEG-2PL-ver- NEG
“(Vocês) não viram”

As formas afirmativas correspondentes aos exemplos (3) a (5) acima são as seguintes:

(6a) *ure uru-zuka*
12 12-matar
“Nós matamos”

(6b) *ure n-uru-zuka-j*
12 NEG-12-matar-NEG
“Nós não matamos”

(7a) *ihe a-zapo*
1 1-matar
“Eu fiz”

(7b) *ihe n-a-zapo-j*
1 NEG-1-fazer-NEG
“Eu não fiz”

(8a) *pe-sak*
2PL-ver
“(Vocês) viram”

(8b) *na-pe-sak-Ø*
NEG-2PL-ver- NEG
“(Vocês) não viram”

Vê-se, em (6a) (7a) e (8a), que as orações afirmativas caracterizam-se pela ausência do prefixo *na-* antes do marcador de pessoa e pela ausência do sufixo *-j* após a base verbal. Já, o sufixo do morfema descontínuo {...-j}, apresenta a seguinte alomorfia: {-j ~ -∅}. A ocorrência de um ou de outro morfe depende da base verbal ao qual ele se junta.

(i) a forma {...-j} ocorre quando a base verbal termina em vogal:

(9a) *Pedro u-zuka zawar o-ho*
 Pedro 3-matar onça 3-ir
 “Pedro vai matar onça.”

(9b) *Pedro n-u-zuka-j zawar o-ho*
 Pedro NEG-3-matar-NEG onça 3-ir
 “Pedro não vai matar onça.”

(ii) a forma {...-∅} ocorre quando a base verbal termina em consoante:

(10a) *Pedro u-pyhyk pira o-ho*
 Pedro 3-pegar peixe 3-ir
 “Pedro vai pegar peixe.”

(10b) *Pedro n-u-pyhyk-∅ pira o-ho*
 Pedro NEG-3-pegar-NEG peixe 3-ir
 “Pedro não vai pegar peixe.”

Além do sufixo {...-j}, verifica-se um outro: o sufixo {...-kwaw}, que também apresenta alternância condicionada por contexto fonético. Os morfes são {-kwaw ~ -waw}.

(i) a forma -kwaw ocorre depois de vogal, conforme (11c):

(11a) *u-zuka Pedro kury.*
 3-matar Pedro DISC
 “Pedro matou (algo).”

(11b) *n-u-zuka-j Pedro kury.*
 NEG-3-matar-NEG Pedro DISC
 “Pedro não matou (algo).”

(11c) *n-u-zuka-kwaw Pedro kury.*
 NEG-3-matar-NEG Pedro DISC
 “Pedro não mata mais (algo).” [Está incapacitado]

(ii) a forma *-waw* ocorre depois de consoantes, conforme (12c):

(12a) *w-esak* Pedro *kury*.
 3-ver Pedro DISC
 “Pedro vê (algo).”

(12b) *n-w-esak-∅* Pedro *kury*.
 NEG-3-ver-NEG Pedro DISC
 “Pedro não vê (algo).”

(12c) *n-w-esak-waw* Pedro *kury*.
 NEG-3-ver-NEG Pedro DISC
 “Pedro não enxerga mais.” [Está incapacitado]

Além da alternância mencionada acima, ocorre uma outra, de natureza semântica, já que os sufixos $\{-j \sim -\emptyset\}$ e $\{-kwaw \sim -waw\}$ gramaticalizam noções semânticas distintas. Por exemplo, as formas $\{-kwaw \sim -waw\}$, em (11c) e em (12c), indicam incapacidade física do agente em realizar a ação expressa pelo predicado. Contudo, esse ingrediente semântico está ausente, quando a base verbal recebe os sufixos $\{-j \sim -\emptyset\}$, em (11b) e (12b). Devido aos objetivos fixados e pela limitação de espaço desse texto, não vou explorar em detalhe as nuances codificadas por essas formas, o que deixarei para uma outra fase da pesquisa.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esse estudo toma como referência o quadro teórico do programa minimalista [Chomsky (1995)], que pressupõe, dentre outras coisas, que movimentos são atrações de traços e que o deslocamento obrigatório de constituintes, em sintaxe visível, é uma operação de último recurso para verificação de traços fortes. Consoante Chomsky (1995:384): “mover F eleva F tomando K como alvo apenas se F entrar numa relação de verificação com uma subetiqueta de K.” Alia-se a essa hipótese a condição de elo mínimo, que prevê que “ α pode ser elevado tomando K como alvo apenas se não houver uma operação legítima Mover β tomando K como alvo, em que β está mais próximo de K” [cf.: Chomsky (1995:405)].

Assume-se, ainda, a existência do critério-Neg, o qual prevê que marcadores negativos exibem traços morfológicos que precisam de ser verificados contra o núcleo Neg⁰ da categoria funcional NegP. O critério-Neg prediz que:

(13) O critério-Neg

- (a) um operador-Neg tem de estar numa configuração [Spec, Núcleo] com um núcleo Neg⁰;
 (b) um núcleo [Neg⁰] tem de estar numa configuração [Spec, Núcleo] com um operador-Neg.

Consoante Zanuttini (1996, 1997), o traço-Neg pode ser forte ou fraco. Quando Neg⁰ é forte, a verificação realiza-se em sintaxe visível; quando Neg⁰ é fraco, o traço é adquirido por coindexação, isto é, por meio de concordância encoberta, em FL. A autora afirma que é possível postular um operador nulo nas situações em que somente a cabeça negativa emerge. É isso o que explica o contraste entre a possibilidade de non licenciar um operador vazio SpecNegP, em italiano, por oposição a ne, em francês, conforme (14a-b):

- (14) (a) Gianni non há parlato.
 (b) *Jean n`a parlé.

A existência de traços fortes em NegP desencadeia o movimento do verbo para Neg⁰, em línguas como o Italiano e o Português, em oposição a línguas como o Sueco e o Islandês. Os exemplos em (15) e (16) exemplificam a natureza de NegP nos dois conjuntos de línguas:

Línguas com traço-Neg forte

- (15a) Não matou não. [Português]
 (15b) Gianni non há parlato. [Italiano]

Línguas com traço-Neg fraco

- (16a) Köpte Jan inte boken. [Sueco]
 Keypte Jón ekki bokina. [Islandês]
 Comprou João não o livro
 "João não comprou o livro."

Em (15), como o traço Neg⁰ é forte, o verbo sobe até NegP. Por essa razão, em português, o verbo vem no meio das partículas de negação e, no italiano, o auxiliar flexionado *há* ocorre em adjunção à partícula non, em Neg⁰.

Já os marcadores negativos inte e ekki ocorrem numa posição posverbal e não interferem no movimento do verbo de I para C. Zanuttini (1997) conclui que, em (16), o movimento do verbo é possível porque NegP apresenta o traço-NEG fraco. Assim, os traços dos itens negativos sobem até Neg⁰ na sintaxe encoberta para satisfazer ao critério-NEG.

3. NATUREZA FORTE DE NEGP EM TEMBÉ

Em consonância com Zanuttini (1996, 1997), vou assumir que NegP, em Tembé, consiste de um marcador capaz de negar a oração sozinho sem a necessidade de co-ocorrer com outros constituintes negativos. Uma propriedade morfosintática que esse núcleo exhibe é o traço de negação que, em Tembé, manifesta-se na morfologia pelo morfema descontínuo *na-.....j*, e, na sintaxe, caracteriza-se pela exigência de o verbo se incorporar ao núcleo de NegP.

Há línguas, entretanto, que se distinguem do Tembé por permitirem a ocorrência de outro constituinte negativo na oração. No Francês, por exemplo, o marcador negativo *ne-* não nega a oração sozinho, pois necessita da presença do constituinte *pas* para que a concordância negativa se realize. Assim, a partícula negativa *n(e)* não pode vir sozinha na oração, conforme a agramaticalidade da oração em (17b):

(17a) Jean n`a parlé pas.

(17b) *Jean n`a parlé.

Consoante Pollock (1989), os elementos *ne* e *pas* são constituintes de uma categoria negativa que funcionam como núcleo e especificador, respectivamente:

(18)[_{NEGP} PAS [_{NEG} NE [...

Desse modo, o núcleo *ne-* se origina na projeção funcional abaixo do IP e, depois de adjungir-se ao verbo, sobe para T.

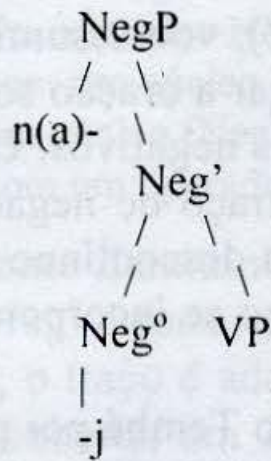
Tomando por base a evidência de que o morfema descontínuo nunca ocorre após o verbo e assumindo os pressupostos da seção (2), vou argumentar a favor de que o Tembé é uma língua em que o traço-NEG é necessariamente forte, haja vista que o verbo sempre se incorpora ao morfema descontínuo {*na-.....-j*}. Em relação à satisfação ao critério-neg, a língua Tembé se aproxima mais do Italiano e do Português, do que das línguas germânicas.

Na próxima seção, investigo se a categoria NegP do Tembé dispõe de um especificador e um núcleo, como o Francês, ou apenas de um núcleo, como o Italiano.

3.1. NEGP E O DESLOCAMENTO DO VERBO EM TEMBÉ

Vou supor, então, que NegP possui o traço-NEG forte, que precisa de ser verificado e apagado antes da sentença ser enviada a Spell-Out. Vou assumir também que a verificação vai se dar por meio da elevação do verbo em adjunção ao núcleo Neg⁰. Como uma primeira aproximação, proponho que NegP possua a configuração abaixo:

(19)



Na representação em (19), a hipótese é que o prefixo *n(a)-* ocupa a posição de especificador de *NegP* e o sufixo *-j* a posição de núcleo. Vou admitir preliminarmente que *NegP* seleciona *VP* como o seu complemento. Nesse sentido, para que a derivação convirja, primeiro o verbo se eleva para *NegP* para verificar o traço *Neg°*, e somente depois é que ele sobe para *T°* para verificar o traço de tempo de *TP*. Não obstante, em exemplos como em (20) abaixo, em que há um *NP* visível na posição de sujeito, vou admitir que ele também precisa de se elevar para verificar o traço de Caso e o traço-D de *TP*.

- (20) *ure n-uru-zuka-j kwehe miar a'e mehe.*
 12 NEG-12-matar-NEG PASS caça aquele dia
 'Nós não matamos a caça naquele dia.'

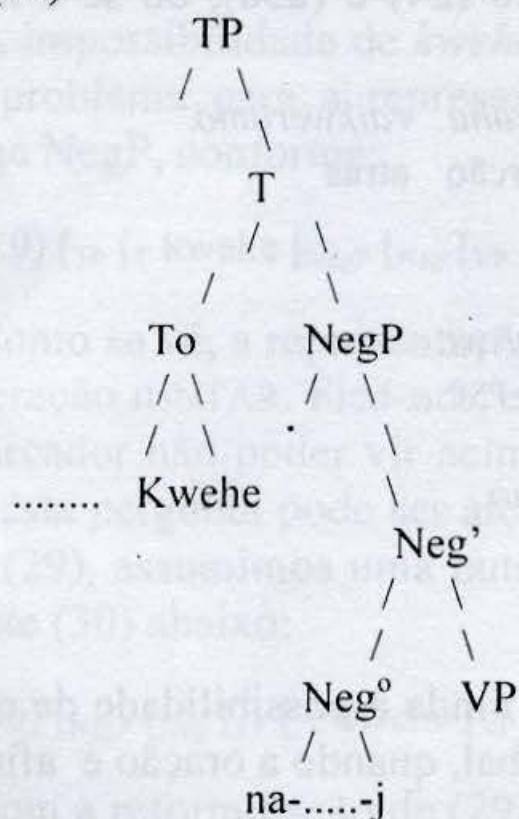
Para que isso ocorra, o *NP* sujeito *ure* "nós" tem de passar antes pela posição de *SpecNegP* em satisfação à condição de elo mínimo, doravante *MLC*, o qual prevê que movimentos curtos são preferíveis a movimentos longos [cf.: Chomsky (1995)]. Não obstante, essa posição já vem preenchida em (19) pelo prefixo *n(a)-*.

Desse modo, se, em (19), o morfema *n(a)-* realmente estivesse em *SpecNegP*, a derivação não convergiria, já que o *NP* sujeito *ure* "nós [inclusivo]" teria de passar por cima de uma outra posição *XP* já ocupada, portanto, uma violação ao *MLC*. Além desse fato, se a configuração proposta em (19) estivesse realmente correta, o verbo, ao subir na etapa seguinte da derivação para verificação do traço de tempo, separar-se-ia do especificador de *NegP*, resultando a sentença agramatical (21):

- (21) * *ure uru-zuka-j kwehe n- miar a?e mehe.*
 12 12-matar-NEG pass NEG caça aquele dia
 'Nós não matamos a caça naquele dia.'

A alternativa é, então, propor uma outra configuração para a projeção NegP em Tembé. Nesta nova configuração, a hipótese é que o especificador seja preenchido por um operador vazio e o núcleo Neg^o, pelo morfema {na-.....-j}, como em (22):

(22)



A configuração em (22) pressupõe que a partícula temporal *kwehe* foi inserida por meio da operação juntar (merge) em T, de forma a disponibilizar o traço de tempo [+PASSADO]. A vantagem de (22) é que ela elimina os problemas levantados pela configuração em (19), pois evita a violação ao MLC, pressupõe incorporação do verbo ao núcleo Neg^o, representado pelo morfema descontínuo, e permite uma posição vazia para que o NP sujeito aterrisse antes de subir para [Spec, TP]. Além do mais essa configuração estaria mais de acordo com o que prevê o critério-Neg. Por conseguinte, tanto o NP sujeito como o verbo incorporado a Neg^o podem subir ciclicamente até TP, sem que a derivação fracasse, conforme (20), repetido aqui como (23):

- (23) *ure* *n-uru-zuka-j* *kwehe* *miar* *a?e* *mehe.*
 12 NEG-12-matar-NEG PASS caça ele dia
 ‘Nós não matamos a caça naquele dia.’

3.2. A ORDEM LINEAR DE NEG^P NA ORAÇÃO

Na seção anterior, propus uma derivação na qual o verbo atravessa duas posições de núcleo, quais sejam, o núcleo Neg^o para verificar o traço de negação e o núcleo T^o para verificar o traço de tempo. Subjacente a esta análise, está o pressuposto de que TP ocorre numa posição mais alta que NegP e é constituído de um núcleo formado pelo verbo e pelo marcador temporal *kwehe*. Nesta seção, procuro atestar a validade dessa proposta, ten-

tando determinar se a posição que NegP ocupa na oração é realmente aquela proposta em (22).

Os dados indicam que o marcador de tempo *kwehe*, na maioria dos contextos listados, ocorre preferencialmente na posição posverbal, não importando se a oração é assertiva, exemplo (24) e (25a), ou se é negativa, exemplo (25b):

(24) *a-ha kwehe ka?a rupi tazahu raikweramo.*
 ISG-ir PASS mato PSP porção atrás
 “Eu fui pelo mato atrás do porção.”

(25a) *o-ho kwehe a?e zawar uru-wi,*
 3SG-ir PASS 3 onça 12-PSP
 “A onça foi embora de nós.”

(25b) *n-oro-ho-j kwehe h-aikweramo.*
 NEG-12-ir-NEG PASS REL-PSP
 “....e não fomos atrás dela.”

Além dos exemplos (24) e (25), há ainda a possibilidade de o marcador temporal *kwehe* vir em posição preverbal, quando a oração é afirmativa, conforme (26b) abaixo:

(26a) *a-ha kwehe ka?a rupi tazahu raikweramo.*
 ISG-ir PASS mato PSP porção atrás
 “Eu fui pelo mato atrás do porção.”

(26b) *kwehe a-ha ka?a rupi tazahu raikweramo.*
 PASS ISG-ir mato PSP porção atrás
 “Eu fui pelo mato atrás do porção.”

Portanto, nas orações afirmativas acima, vê-se a possibilidade de ocorrência do marcador de tempo, em pelo menos, duas posições: após o verbo em (26a) e antes do verbo em (26b). Contudo, a contraparte negativa de (26b), em que o marcador temporal aparece antes do verbo, não é possível, conforme (2), repetido aqui como (28):

(27) *n-uru-zuka-j kwehe miar a?e mehe.*
 NEG-12-matar-NEG PASS caça aquele dia
 ‘Não matamos a caça naquele dia.’

(28) **Kwehe n-uru-zuka-j miar a?e mehe.*
 PASS NEG-12-matar-NEG caça aquele dia
 ‘Não matamos a caça naquele dia.’

Observa-se assim uma assimetria entre orações assertivas e orações negativas no que se refere à colocação do marcador *kwehe*. Com base nesses fatos, constato que as orações negativas acima permitem apenas que *kwehe* venha após o verbo, enquanto as afirmativas permitem a posição preverbal e posverbal, com nítida preferência a esta última.

A impossibilidade de *kwehe* vir acima do verbo negado em (28) coloca um problema para a representação em (22). Nela, assumi que TP c-seleciona NegP, conforme:

(29) [TP [T *kwehe* [NegP [Neg [VP

Como se vê, a representação em (29) sugere que *kwehe* é gerado em T pela operação JUNTAR. Fica-nos, então, a seguinte indagação: qual a razão de esse marcador não poder vir acima do verbo em orações negativas? A resposta a esta pergunta pode ser alcançada, se, em vez de manter a configuração em (29), assumimos uma outra em que NegP seja gerado acima de TP, consoante (30) abaixo:

(30) [NegP [Neg [TP [T *kwehe* [VP

Com a reformulação de (29), assumimos que NegP c-seleciona TP. Se esta proposta estiver correta, a agramaticalidade em (28) pode ser explicada em termos de violação ao MLC. Nesse sentido, em (28), o marcador temporal *kwehe* não pode cruzar Neg⁰, visto ser esta uma posição preenchida lexicalmente pelo verbo *n-uru-zuka-j* e pelo morfema descontínuo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise mostrou que NegP em Tembé possui traço forte. Esse traço é verificado por meio da incorporação do verbo, via movimento, ao núcleo Neg⁰, o qual é constituído pelo morfema descontínuo {na-/n-.....-j}. Além disso, NegP não licencia um especificador em sintaxe visível, sendo essa uma posição vazia.

Verificou-se, ainda, que a partícula *kwehe* ocorre na posição de núcleo de T. A impossibilidade de ocorrência dessa partícula em posição preverbal me forneceu evidências em favor da hipótese de que o morfema descontínuo de negação, na Língua Tembé, é núcleo de uma projeção funcional mais alta que TP.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, MIT Press.

- Duarte, Fábio Bonfim 1997. Análise Gramatical das Orações da Língua Tembé. UnB, Brasília, ms.
- _____. 1998. Ordem dos Constituintes na Língua Tembé. Brasília, Revista da Universidade Católica de Brasília p. 71-80, vol. 6.
- Gonçalves, Fernanda Maria Ribeiro 1994. Negação Frásica em Português. Lisboa, Dissertação de Mestrado em Lingüística Portuguesa Descritiva, ms.
- Harrison, Carl 1986 Verb Prominence, Verb Initialness, Ergativity and Typological Disharmony in Guajajara. Handbook of Amazonian Languages, Vol. 1. Edited By Derbyshire and Pullum, 407-439. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Jensen, Cheryl 1990. Cross-Referencing Changes in Some Tupí-Guaraní Languages. In: D.L.Payne (ed.). Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages. Austin: University of Texas Press.
- Kayne, Richard S. 1994. The antisymmetry of Syntax. Cambridge, MIT Press
- Martins, Eneida Esteves. 1997. Setential Negation in Spoken Brazilian Portuguese. Washington, D. C., Master Research Paper, ms.
- Pollock, J.-Y. (1989) Verb movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. Linguistic Inquiry 20, 365-424
- Rodrigues, A. D. 1953 Morfologia do Verbo Tupi. Letras 1:121-152. Curitiba.
- Zanuttini, Raffaella 1996. Negation and Clausal Structure: A Comparative Study of Romance Languages. Manuscript, Georgetown University.
- _____. 1997. Negation and Verb Movement. In: The New Comparative Syntax (org: Liliane Haegeman). London, Longman.
- Zwart, Jan-Wouter . 1997. The Germanic SOV Languages and The Universal Base Hypothesis. In: The New Comparative Syntax (org: Liliane Haegeman). London, Longman